



Catarina. O trabalho foi revisado em julho de 2000 para apresentação na XXII Reunião Brasileira de Antropologia (Brasília, 16 a 19.07.00). Para fins de publicação na Revista Encontros Teológicos do ITESC, foi alterado e atualizado em novembro de 2001. Originalmente o trabalho apresentava e analisava também documentos escritos por índios Guarani.

² *Ñe'e* significa em *mbya*, canto de aves, ruídos de animais e excepcionalmente palavra humana. Utilizada em uma invocação ou oração, designa a palavra dos deuses, alma de origem divina. *Ayvu* significa falar, linguagem e *ayvu porã*, linguagem religiosa, as palavras que os deuses comunicam àqueles dedicados aos exercícios espirituais, que penetram a alma através do cume da cabeça. Seu sinônimo é *ayvu marã' ey*, palavras carentes de mal (Cadogan, 1992b). Em guarani antigo, *ñe'e* denomina língua e *ayvu*, ruído. Em *apapokuva*, *ñe'e* quer dizer voz animal e *ayvu*, língua (Nimuendaju, 1987). De modo geral, a bibliografia indica *ñe'e* e *ayvu* como a palavra, a linguagem humana.

³ Essas três divindades advêm do zênite, leste e oeste, respectivamente.

⁴ O trabalho "Árvores cósmicas/sagradas: o *pindo* e o *ygary* na cosmovisão dos índios Guarani", de minha autoria, reflete sobre a importância da palmeira (*Arecastum romanzoffianum*) e do cedro (*Cedrela Jissilis*) na sociedade guarani, a partir de sua cosmogonia.

⁵ LADEIRA (1992, 1996) esclarece que os Guarani eram totalmente avessos à demarcação de terras, o que era entendido como a desfiguração do território, a deformação do mundo. A demarcação é uma necessidade criada pelo Estado. Esse entendimento é extensivo às demais sociedades indígenas no país.

⁶ Em 1998 ocorreram os trabalhos do grupo técnico da FUNAI na aldeia para a reidentificação da área, tendo a mesma sido declarada de posse permanente dos Guarani através de Portaria Declaratória, assinada pelo Ministro da Justiça em 26.07.00. Trata-se, assim, da primeira terra indígena guarani demarcada no Estado de Santa Catarina.

⁷ Seminário ocorrido nos dias 10 e 11.09.01 na Ilha de Santa Catarina, organizado pelo Conselho Indigenista Missionário-Sul e o Museu Universitário/UFSC, com apoio da Comissão de Apoio aos Povos Indígenas.

Endereço do Autora:

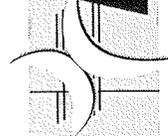
a/c da Redação: ITESC - Cx. 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC

Com a sabedoria de poucos, o jovem líder, Werá Tupã (Leonardo da Silva Gonçalves), da aldeia Marangatu, no município de Imaruí, SC., em entrevista a Clóvis Brighenti do CIMI, relata com muita clareza e simplicidade, a complicada situação que vive o povo Guarani. É um povo que tem na terra e na religião a essência do ser, e está cada vez mais confinado em espaços exíguos, onde mal podem sobreviver fisicamente. A inoperância e desassistência do estado, associadas a uma prática integracionista, leva os Guarani a buscar o afastamento da relação com os não-indígenas. Hoje, a ausência de espaços próprios torna-os visíveis e uma presença incômoda para quem acreditava que já estariam eliminados culturalmente.

ENTREVISTA COM WERÁ TUPÃ

“A prioridade é a demarcação das terras”

Clóvis Brighenti
Agente de Pastoral do CIMI - SUL



A situação dos Guarani interpretada por uma liderança do próprio povo. Com sabedoria de poucos, o jovem Werá Tupã, da aldeia (Tekoha) marangatu, localizada no município de Imaruí, SC, relata com muita clareza e simplicidade a complicada situação que vive o povo Guarani. Um povo que tem na religião e na terra a essência do ser, e está cada vez mais confinado em espaços exíguos onde mal podem sobreviver fisicamente. A inoperância e desassistência do Estado, associadas a uma prática integracionista, levou os Guarani a buscar o afastamento da relação com os não indígenas. Hoje a ausência de espaços próprios torna-os visíveis e uma presença incômoda para quem acreditava que já estariam eliminados culturalmente.

Werá Tupã, que em português quer dizer “brilho de Deus”, mas que simboliza o ser guerreiro, aquele que luta e defende seu povo, demonstrou como é importante o diálogo e o respeito entre todos os povos. Falou que, quando Deus criou os Guarani, “para cada povo deixou sua linguagem, seu jeito de viver. E é aí que cada povo tem sua religião, e deve ser respeitado porque o próprio Deus fez assim, por isso tem que respeitar”. Diferente dos não-indígenas, o nome não é atribuído por alguma pessoa, mas o nome é a própria pessoa, o nome determina de onde vem seu espírito e que papel vai desempenhar na comunidade. Por isso mesmo, ele é inspiração divina, manifestada para o líder religioso, que repassa para a criança.

Na entrevista concedida ao membro do Cimi **Clovis Brighenti** para a revista ENCONTROS TEOLÓGICOS, Werá demonstra a importância que os mais velhos têm no meio de seu povo. Ao contrário de nossa sociedade, para os Guarani os velhos são a fonte de sabedoria. Velhice não é sinônimo de fim de vida, mas de importante referência para a continuidade do povo, da cultura e da religião.

Clovis - Como está a situação atual do povo Guarani?

Werá Tupã – Olha, a situação atual do povo Guarani é muito complicada. Primeiro, que a gente, os Guarani hoje, é um povo que mantém a cultura, tem a linguagem própria. Muitas coisas de antigamente que fazem parte da tradição, está bem preservada. Mas ao mesmo tempo a gente convive perto da sociedade não-índia. Essa convivência é também porque a própria

sociedade foi empurrando os Guarani e hoje já vivem bem perto da cidade, na beira das estradas. Então nós já adquirimos muitas coisas dos brancos, por exemplo, roupas, nós usamos a roupa, as casas perto da estrada já é modificada, os que moram mais perto da estrada nas casas usam tábua. Então nesse sentido, nós, os Guarani hoje já vivem assim, muito discriminados pelo povo, porque já não se parece mais com índio, assim já usa roupa, vive perto da estrada, da cidade. Então a situação é de discriminação mesmo pela sociedade. E essa parte, os mais jovens hoje têm pouca informação devido à pouca prática da tradição, que a gente... as aldeias..., a terra onde a gente vive, a maioria é pequena, então a gente já não tem condições de praticar coisas que é importante para nós, é sagrada, mas por causa da falta de espaço na maioria das vezes fica só na teoria.

Clovis - Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelo seu povo?

Werá Tupã - A dificuldade assim..., a dificuldade central é viver sem definição das nossas terras, sem demarcação. Isso então, os Guarani hoje sofrem porque os mais velhos querem viver sempre do jeito que vivia o Guarani, dentro do sistema tradicional. Então o branco, hoje, não valoriza muito isso. Então o branco procura ajudar dando ajuda, como se fosse uma pessoa que é da cidade, do bairro, um pobre. Então assim eles olham. Então os mais velhos não querem isso, os mais velhos sempre querem uma vida mais tradicional.

Clovis – Então quer dizer que o problema central é a questão das terras. Como está a situação das terras aqui no estado de SC?

Werá Tupã - Sobre as terras indígenas em SC, mais especificamente Guarani, tem muitas terras que os Guarani estão morando, estão buscando, mas ainda assim a demarcação está muito longe de sair, porque a maioria das Terras Guarani está na fase de identificação, de fazer relatório. Mas a gente sabe que não é fácil fazer a demarcação porque quem tem interesse de demarcação, de ter a terra reconhecida, é o próprio índio, o governo não tem interesse. Então praticamente as terras Guarani a maioria não estão demarcadas. Só tem uma área demarcada em SC, que é Biguaçu, mas o resto...

Clovis – Que tipo de terra está sendo demarcada? No caso de Biguaçu, são 58 ha. Isso é suficiente para uma comunidade viver no seu sistema tradicional?

Werá Tupã - Não é suficiente, porque as nossas casas de reza ... tem coisas que a gente precisa praticar, tem coisas que a gente precisa de espaço,



p.ex. atividades mais culturais, da pesca, de coleta de fruta, de sementes, do próprio remédio, pra tirar da mata. Então a gente precisa de um espaço maior, que dentro dessas terras pequenas de 50, 100 ha praticamente não tem como viver como tradicional e também praticar aquilo que faz parte da nossa tradição, então a terra pequena não é suficiente.

Clovis – Onde se localizam atualmente os Guarani?

Werá Tupã - A maior presença está no sul do Brasil. No Rio Grande do Sul, aqui em Santa Catarina. Também tem bastante Guarani no Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul. Mato Grosso do Sul também tem bastante Guarani, lá são Guarani Kaiowá.

Clovis – Na Argentina, Paraguai e Uruguai também tem Guarani. Vocês têm alguma relação com eles? É o mesmo Guarani daqui?

Werá Tupã - Pra nós não tem fronteira, pra nós não tem limites. Tanto é que hoje ainda a gente tem bastante visitas. O Guarani vem lá da Argentina, fica nas aldeias, os daqui vão pra Argentina. Assim eles sempre viajam. Antigamente eram mais livres, mas hoje tem esses obstáculos, que não pode mais andar, as fronteiras. Antigamente andava pela mata, não era tanto perigo.

Clovis – Aqui em SC, além do povo Guarani existe o povo Kaingang e o povo Xokleng. Quais são os principais aspectos que diferenciam esses três povos?

Werá Tupã - Talvez a própria linguagem. A nossa linguagem é totalmente diferente. Eles não entendem a nossa linguagem e nós não entendemos a deles; e a própria religião, os costumes, o jeito de lidar com as coisas é diferente. Mas o que é mais comum entre nós é que nós adoramos e respeitamos a natureza.

Clovis – Como vocês Guarani estão se organizando em SC e em nível nacional?

Werá Tupã - Hoje estamos com dificuldades em nossas organizações, mas a gente tenta assumir e fortalecer a organização nas aldeias, a organização interna é a mais importante. Se a comunidade está fortalecida, a luta acontece. Fazemos muitas reuniões, os caciques e as lideranças discutindo seus problemas. A prioridade é a demarcação das terras.

Clovis – Porque o povo Guarani não tem terra demarcada, se sempre ocupou essa região?



Werá Tupã - Os brancos, primeiro, eles abusaram do conhecimento dos Guarani. Porque pro Guarani, pra nós, a terra não é de ninguém, é de Deus. A terra é de Deus, a natureza é de Deus, então não tinha limite, não tinha cercado. O povo Guarani entendia como a terra de Nhanderu/Nosso pai, do criador. Então nesse sentido os Guarani sempre viveram assim livremente, como outros povos também. Mas quando os brancos chegaram, eles se aproveitaram disso. A lei nessa época era diferente. As aldeias dos Guarani eram em lugares estratégicos, bom de plantio, onde tinha muita água, a terra não tinha muita pedra, não era morro, é sempre lugares estratégicos. Mas aí, quando os brancos chegaram, foram tomando esses espaços que eram espaços ricos. Então os brancos foram tomando esses espaços e os Guarani cederam. O Guarani é muito religioso, a briga, assim de tirar sangue dos outros, isso não eram aceito, então os Guarani sofriam muitas conseqüências. Então os Guarani evitam isso, por isso hoje eles estão andando muito, onde tem conflito eles saem, onde não tem lugar bom pra viver, pra plantar, com água boa, com mato, eles saem. Sempre querem resolver no bom sentido. Mas chega um ponto que fica difícil sustentar.

Clovis – Você falou que o Guarani é muito religioso. Poderia falar um pouco como vocês vivem essa religião?

Werá Tupã - A religião, no nosso entendimento, os mais velhos mesmo falaram, é que quando Deus nos deixou (nos criou), pra cada povo deixou sua linguagem, seu jeito de viver. E é aí que cada povo tem sua religião, deve ser respeitado porque o próprio Deus fez assim, por isso tem que respeitar. Por isso os Guarani aprenderam a respeitar as outras religiões, nunca querem converter as pessoas na nossa religião, por que eles sabem que a religião do outro é importante, foi Deus que criou.

Então a religião, pra nós, a religião é livre, cada um reza do jeito que quer. Os brancos conhecem que nós adoramos a lua e o sol, mas isso é apenas lenda, por que nós temos uma lenda que fala sobre o sol e a lua, mas isso não quer dizer que nós adoramos eles, nós adoramos o criador mesmo, o sol e a lua seriam filhos de Deus, é a manifestação de Deus.

Clovis - Todas as aldeias tem OPY/Casa de Rezas? Como acontece o batizado, por exemplo, seu nome Werá Tupã?

Werá Tupã - A maioria das aldeias ainda tem OPY/Casa de Reza, onde a gente faz as atividades religiosas. O batizado assim – primeiro que no nosso costume é diferente, o branco pede aos pais que dão os nomes aos filhos, nós, no caso os Guarani, os **Yvyraijá** que vocês conhecem como pajé que dão nome aos filhos, isso através do batismo. Os Guarani fazem o batismo



uma vez por ano, então onde é comemorado o aniversário de toda a comunidade, e os **Yvyraijá** dão nome para todas as crianças que não têm nome. Os **Yvyraijá** entram em contato com o Espírito e este sabe como será o futuro dessa criança. O espírito dele, o comportamento como será, daquela pessoa, daquele espírito, assim ele sabe já o nome. Então já é a própria identidade, mais do que uma identidade, porque identifica como será o comportamento daquela pessoa. O nome vai dizer se a pessoa será um guerreiro ou um líder religioso, por exemplo.

Então meu nome, **Werá Tupã** – **Werá** quer dizer brilho e **Tupã** é o nome do um filho de Deus. Então pra nós seria filho de Deus, **Brilho de Tupã**. Então pra nós o Tupã é um agente da natureza, um dilúvio, um trovão. Então o Tupã seria um tipo de guerreiro. Então toda pessoa que tem nome Tupã ele é um guerreiro. Então é isso que eu estou fazendo, lutando pelo meu povo.

Os Guarani sempre viveram estrategicamente. A cultura, toda nossa cultura ela foi preservada através de estratégias que os mais velhos sempre tinham e até hoje eles sempre têm. Os Guarani não se mostram, não mostram a cultura e o valor que têm, sempre escondem. Se uma pessoa vê um Guarani, só pelo olhar ele não vai perceber, nem no diálogo. Com amizade, com respeito, assim só a pessoa vai saber que nós Guarani temos muito valor. E assim hoje, os mais velhos sempre falam “*vocês têm que viver assim simples, e não se mostrar*”. Os próprios **Yvyraijá** dizem assim, os **Yvyraijá** sempre são muito simples, não se mostram, mas quando a gente procura, eles sempre fazem o trabalho deles.

Clovis – Como está a relação com o Estado brasileiro, como ele está tratando a educação, saúde e atividades produtivas?

Werá Tupã – Primeiro, a pessoa, o próprio governo, tem que ter a consciência de que esse povo é totalmente diferente da sociedade em que ele vive. Tem que ter respeito. Assim os projetos de saúde, educação e outros, tem que ser considerados a tradição, o jeito do povo, pra não interferir. Parece um projeto viável, mas às vezes fere as nossas tradições, religião e outras coisas. A própria escola..., os mais velhos se preocupam muito, porque ela interfere nas atividades da criança nas aldeias. As atividades que sempre fazem a cabeça deles vai mudando, aí então é muito perigo, porque o modo de vida da sociedade branca é totalmente diferente. Então tem que tomar cuidado.

Tem muitos que não aceitam escola, os mais velhos... agora tem outras aldeias que aceitam porque a comunidade está mais preparada. Na minha época o cacique permitia três pessoas estudando, porque as crianças



iam pra escola e perdiam todas as atividades da comunidade. Os mais velhos também têm ensinamentos, é a nossa escola própria.

Hoje estamos pensando numa escola diferenciada, mas precisa discutir muito ainda, fazer muito trabalho, porque a lei garante esse nosso direito. É preciso respeitar isso.

A medicina a mesma coisa, ela é importante, os Guarani têm a sua própria medicina, o conhecimento tem que ser respeitado. Então, quando as pessoas querem ajudar, elas têm que ajudar eles crescer na sociedade deles, na nossa sociedade. Então por.ex. eu não posso ensinar o pessoal da cidade que tem que viver como nós, eu não posso fazer isso. Então eu tenho que ajudar dentro da cultura dele. Então assim eu entendo. Então, na medicina, ao mesmo tempo em que a gente precisa de medicina do branco, lá dentro da comunidade nós temos nossa própria medicina, ensinada pelos mais velhos. Então tem que fazer um trabalho que pode fortalecer esse conhecimento.

Clovis – O governo brasileiro está respeitando o modo de ser do Guarani?

Werá Tupã - Eu vejo que o governo não respeita o nosso jeito, a nossa cultura. Se eles respeitassem, nós Guarani vivíamos com mais tranquilidade. Na minha visão as autoridades e os governos não têm respeitado o meu povo.

Os projetos econômicos são muito polêmicos porque geralmente os projetos econômicos aparecem do jeito dos brancos, assim vem querendo ajudar, mas essas coisas nunca dão certo. É um projeto que partiu da visão do branco, então é porque os costumes são diferentes, os Guarani não têm costumes de ter muitas coisas, ser rico, isso eles não pensam. Os valores são diferentes. Primeiro que a gente não acumula as coisas materiais, as coisinhas simples, a gente vive em comunidade, em coletivo, coletivamente. O que eu tenho em casa qualquer um pode se alimentar ali, então na nossa aldeia é assim, eu não tenho nada em casa certamente, mas outros têm. A gente não tem preocupação com o tempo, porque o tempo nunca acaba, o que pode acabar somos nós, as pessoas, a geração contínua. Então, pra nossa geração é importante, por isso nós temos que preservar as coisas pros que vão vir.

Clovis - O que vocês esperam da sociedade brasileira? Como a sociedade pode contribuir com a vida do Guarani?

Werá Tupã - A sociedade pode ajudar na conscientização, ajudar a divulgar mais os valores dos Guarani. Então isso pode fazer com que a opinião pública, a sociedade, vai chegar num ponto em que tem que ser



respeitado os indígenas, tem que ajudar na preservação da cultura. Quem tem que preservar a cultura é o próprio povo. Agora, a sociedade pode ajudar esse povo a preservar, mas o próprio governo tem o dever, a própria lei reconhece e o povo tem que ter terra tradicional, então estará ajudando, fazendo com que esse povo preserve mais a cultura dele.

Clovis – Em 2002 a Igreja católica vai fazer a Campanha da Fraternidade com a temática dos povos indígenas – “POR UMA TERRA SEM MALES”. O que você espera que a Igreja possa fazer para de fato contribuir com o seu povo?

Werá Tupã - Eu sei que a igreja católica tem em todo o Brasil, mas também no mundo inteiro. Então eu acho que pra nós, eles, nesse sentido da aliança, ela é super importante.

Então o que pode fazer. Já que a Igreja está em todas as cidades, então o que pode fazer é conscientizar mais o povo, assim, da nossa cultura, dos nossos direitos, da nossa diferença. Nós somos um povo muito religioso que tem um jeito bem diferente, mas a gente quer viver com dignidade.

E atividade..., talvez o que pode fazer é divulgar através de um abaixo assinado, através de uma carta, mandando pro presidente da Funai e o Ministério da Justiça, Presidente da República. Então pode falar das terras Guarani, pedir para demarcar as terras do meu povo, e assim por diante.

E assim a gente sabe que a opinião pública é importante, ela que pesa. Então a Igreja poderia ajudar nesse sentido. A Igreja poderia dar mais espaço pras lideranças, pras comunidades, pra desenvolver um trabalho direto com as aldeias.

Endereço do Entrevistador:

Cx. Postal 31
88131-970 PALHOÇA SC
E-mail: cimisol.palhoca@terra.com.br



Que é o tempo, em nossa cultura ocidental? O artigo reflete sobre Tempo e Tradição na cultura Guarani. Partindo das novas perspectivas abertas pela Constituição do Paraguai, de 1992, o articulista assevera que já está na hora de o Estado desfazer-se de “idéias e práticas que nem sequer eram democráticas, e por fim ‘vestir-se de sol e de inocência’”. Exatamente quanto a “tempo e tradição”, que significa, na questão da demarcação, a exigência de terras “tradicionalmente ocupadas”? Está o índio consciente da noção de tempo da sociedade não-índia? E a nossa noção de tempo será mais perfeita, mais humana que a deles? A tradição Guarani também se faz no tempo, porém não necessariamente no tempo nosso. Assim, quando os Guarani vêm ocupar terras deixadas há muito tempo, de certa maneira estão recuperando espaços que nunca abandonaram como Guaranis, espaços que nunca deixaram de estar em seu horizonte.

Tempo e tradição na cultura Guarani

Bartomeu Melià, SJ

Jesuíta paraguaio, missionário e antropólogo

(Tradução do original espanhol pela Redação)

